

CAPÍTULO XIII - NÃO SAIBA A VOSSA MÃO ESQUERDA O QUE DÁ VOSSA MÃO DIREITA.

Itens 1 a 8 – Fazer o bem sem ostentação. Os infortúnios ocultos. O óbolo da viúva. Convidar os pobres e estropiados; dar sem esperar retribuição.

Evangelho de Marcos, Capítulo 12, Versículos 41 a 44:

“Sentando defronte do gazofilácio, contemplava como a turba coloca moeda de cobre no gazofilácio, e muitos ricos colocavam muito.

Veio uma viúva pobre e colocou dois leptos, que vale um quadrante.

Convocando os seus discípulos, disse-lhes: “Amém, vos digo que esta viúva pobre colocou mais do que todos que estão colocando no gazofilácio.

Pois todos colocaram do que lhe sobra; ela, porém, do que lhe falta, colocou tudo quanto tinha, todo o sustento dela.”

O título do capítulo de hoje nos orienta que a nossa mão esquerda não deve saber o que a nossa mão direita fez ou faz.

Mas como pode a mão esquerda não saber o que faz a direita, estando as duas tão perto uma da outra? O que essa expressão quer nos dizer?

Aqui nós temos a lição de que precisamos aprender a fazer o bem sem ostentação. Esconder a mão que dá é o sinal incontestável de uma grande superioridade moral.

Que a mão esquerda não saiba o que faz a direita é uma alegoria que caracteriza a verdadeira caridade, realizada com modéstia.

No entanto, se existe a modéstia real, também existe a falsa modéstia, pois há pessoas que escondem a mão, tendo o cuidado de deixar que os outros percebam o que ela está fazendo.

Por isso, Kardec inicia esse capítulo tratando nos **Itens 1 a 3** que fala sobre **“Fazer o bem sem ostentação”**.

Fazer o bem sem alardear o que se está fazendo demonstra superioridade moral, porque mostra que a pessoa compreende que agir dessa forma é dever de todos nós. Portanto, não há razão para buscarmos aplausos para os nossos atos.

O verdadeiro bem age em silêncio com a aprovação agradecida do beneficiário, o agrado de Deus e a satisfação interior de quem o pratica.

A beneficência praticada sem ostentação tem duplo mérito. Além de ser caridade material é caridade moral, visto que resguarda a fragilidade pela qual o beneficiado pela caridade passa naquele momento.

Ao lado dos grandes desastres e grandes calamidades que ocorrem na Terra a todo instante, há milhares de desastres particulares que nos passam despercebidos e para os quais precisamos aprender a abrir os olhos para não humilharmos o nosso próximo.

Na prática da caridade material devemos nos comportar com simplicidade, de modo a reduzir ao máximo possível a aparência de distância social entre nós e aqueles que estamos auxiliando.

Lembremos que se temos condições de ajudar materialmente aqueles que precisam desse auxílio, essas condições nos foram dadas por Deus de acordo com a necessidade evolutiva de cada um de nós. Ter mais ou menos condições materiais não é de modo algum o reflexo do mérito de uns e do demérito de outros.

Ao final de cada ação caritativa que tivermos a oportunidade de realizar, o que nos cabe é agradecer a Deus pela oportunidade que tivemos de servir ao nosso semelhante.

Portanto, fazer o bem esperando recompensa, elogio, reconhecimento e paparicação, não é um bem verdadeiro. Esse bem nada mais é do que uma ação transitória, porque quem o fez não o carrega consigo.

O bem só é bem se não espera nada em troca!
O bem só é bem quando praticado de forma sincera!

O único bem real, verdadeiro, íntegro, é o bem que se pratica espontaneamente, sem nem ao menos perceber que se está fazendo um bem.

O bem real fica registrado na nossa consciência e nos dá a paz, a sensação do dever cumprido, a alegria de existir e a gratidão a Deus que sempre nos dá novas chances de nos redirmos dos nossos erros.

Fazer o bem significa doar-se e toda doação deve ser espontânea e sem exigência!

No “**Livro da Esperança**”, psicografia de Chico Xavier, **Emmanuel** nos diz:

“Não desconhecemos que todo cultivador espera resultados da lavoura a que se dedica e nem ignoramos que semear e colher conforme a plantação, constituem operações matemáticas no mecanismo da lei.

Examinamos aqui tão somente a estranha atitude daqueles que não negam a eficácia da abnegação, entregando-se, porém, ao desvairado egoísmo de quem

costuma distribuir cinco moedas no auxílio aos outros, com a intenção de obter cinco mil.

(...)

O bem pede doação total para que se realize no mundo o bem de todos.

É por isso que a Doutrina Espírita nos esclarece que o bem deve ser praticado com absoluto desinteresse e infatigável devotamento, sem que nos seja lícito, em se tratando de nossa pessoa, reclamar bem algum.”

Item 4 - Os infortúnios ocultos

Nesse item, Kardec traz a história de uma mulher de trajes simples que acompanhada de sua filha visita uma casa muito pobre e onde encontram uma mãe de família cercada de crianças.

Ao verem a mulher adentrar a casa, a mãe e as crianças ficam muito alegres porque sabem que a chegada dela traz alívio às suas necessidades mais básicas.

Qual o nome dessa senhora? Onde mora? O que faz? Ninguém o sabe. No entanto, todos que de alguma forma são atendidos por ela, a bendizem!

“Se tem condições materiais de ajudar tantas pessoas, por que a senhora se veste com tamanha simplicidade?”

Para não insultar a miséria com o seu luxo!

“Por que se faz acompanhar da jovem filha?”

Para que aprenda como se deve praticar a beneficência. A filha, diante do exemplo dado pela mãe, também quer fazer caridade, e recebe a seguinte lição:

“Que podes dar, minha filha, quando nada tens de teu?”

Quando visitamos os doentes, tu me ajudas a tratá-los. Ora, dispensar cuidados é dar alguma coisa. Não te parece bastante isso? Nada mais simples.

Aprende a fazer obras úteis e confeccionarás roupas para essas criancinhas. Desse modo, darás alguma coisa que vem de ti.”

Kardec diz que é assim que aquela mãe verdadeiramente cristã prepara a filha para a prática das virtudes que o Cristo ensinou.

Em sua casa todos ignoram o que ela faz em prol dos mais necessitados, porque para ela o que importa é a aprovação de Deus e de sua consciência. Não importa que mais ninguém tome conhecimento disso!

Um dia uma de suas protegidas, bate em sua porta para vender artesanato. E sem saber quem morava naquela casa, se vê diante de sua benfeitora. A mulher pede silêncio e que não conte nada a ninguém!

Com essa história, Kardec ilustra que existem muitos sofrimentos que passam despercebidos por nós porque não tomamos conhecimento deles.

São esses infortúnios discretos e ocultos que aqueles que são verdadeiramente caridosos sabem descobrir, sem que alguém venha pedir assistência.

Não esperemos que os infortúnios ocultos tornem-se tragédias públicas. Vamos procurar auxiliar nossos irmãos de forma discreta, dando a eles o melhor que pudermos.

Auxiliar uns aos outros, pelo prazer de fazer o bem, de forma natural, espontânea, fraterna, fazendo o outro sentir-se merecedor do auxílio.

Itens 5 e 6 - O óbolo da viúva

Na passagem evangélica de hoje, o Evangelista Marcos relata a passagem conhecida como: **“O óbolo da viúva”**.

Normalmente, nós distinguimos os méritos e deméritos dos fatos e das pessoas de acordo com os nossos conhecimentos, preconceitos e valores.

Assim, aos olhos da percepção humana, a doação realizada pela viúva foi pequena em relação a doação das outras pessoas que ali estavam.

Jesus, pela sua elevação espiritual, percebeu além da questão material. Ele enxergou os motivos íntimos que impeliam os ofertantes na doação que eram:

- Vaidade em uns;
- Agradar a Deus para obter favores nesta vida ou após a morte, em outros; e
- Agradar aos influentes sacerdotes do Templo.

O Mestre percebeu o sacrifício daquela viúva na privação do necessário ao seu sustento do dia, numa manifestação de sinceridade da sua fé, num ato de suprema renúncia.

Assim, Jesus considerou o valor moral daquela viúva e não o valor material da oferta.

Kardec, lembrando que **“a verdadeira caridade faz antes pensar nos outros que em si mesmo”**, escreve sobre as pessoas que lamentam não possuir recursos materiais para fazer o bem, porque se os tivessem, os aplicariam em benefício dos necessitados.

Quem tem a preocupação de auxiliar, mas fica na eterna espera de ter algo que sobre para auxiliar, precisa refletir sobre o significado da palavra caridade.

A caridade é o exercício de amor ao próximo, realizada não somente de forma material, mas também pelas palavras de conforto, pelo ombro amigo nos momentos difíceis, pela disposição em ajudar.

Muitas e muitas obras de auxílio aos necessitados têm surgido, principalmente no Brasil, e são organizadas por pessoas sem recursos financeiros, que se juntam a outras e trabalham em atividades diversas para angariar recursos, aprendendo na prática: a solidariedade, a fraternidade, a simplicidade, a generosidade, a humildade, enfim o amor.

Os Espíritas têm como lema *“fora da caridade não há salvação”*, por isso, não têm desculpas para não exercê-la no seu dia a dia, seja no lar, no trabalho ou na rua.

Por fim, temos os **Itens 7 e 8 - Convidar os pobres e estropiados; dar sem esperar retribuição.**

Os ensinamentos de Jesus foram sempre dirigidos a toda a Humanidade e para todos os tempos, a fim de que os homens soubessem como deveriam progredir na sua caminhada evolutiva em direção à perfeição e à felicidade.

Kardec esclarece que a linguagem utilizada por Jesus *“era quase sempre figurada, e para os homens incapazes de compreender os tons delicados do pensamento, precisava usar de imagens fortes, que produzissem cores berrantes.”*

Jesus prega o desinteresse pessoal na ação de fazer o bem.

É bom reunir parentes, amigos e vizinhos, em reuniões festivas, jantares e almoços, e Jesus não poderia pedir que esses convidados fossem substituídos pelos necessitados da rua.

Kardec nos lembra que a palavra banquete pode significar também *“participação na abundância de que desfrutas”*.

Assim, receber parentes e amigos menos afortunados ou mais necessitados em nossa casa é uma forma de ajudá-los com benevolência, disfarçando o benefício, sem ostentação, lembrando sempre mais dos que têm necessidades maiores. E essas necessidades não se resumem apenas as questões materiais, mas as necessidades morais.

Não esqueçamos que a caridade deve começar sempre na família consanguínea, que não se reuniu na Terra por acaso.